



Centenário **DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA**

BOLETIM SALESIANO

4



FÁTIMA É INTERPELAÇÃO

Capítulo IV

Só se vê bem com o coração!

TEXTO

TAVEIRA DA FONSECA, *sdb*

FOTOGRAFIA

SANTUÁRIO

DE FÁTIMA

Textos ficcionados sobre o tema de Fátima.

Pelas dez e um quarto, Bernardo entrou no pequeno café e sentou-se para esperar pelo Pe. Roque. O empregado abeirou-se para o servir, mas ele declinou um serviço imediato na desculpa de esperar um amigo. Na mesa da frente estava um jornal do dia que parecia que ninguém ainda tinha aberto. Puxou-o e folheou, vagarosamente, as páginas. Leu transversalmente cada folha, fixando-se apenas nos títulos. Nada de interesse! As mesmas notícias de sempre sobre acontecimentos que a política ou as guerras intermináveis iam arrastando dias a fio. Sem poder folhear as últimas páginas, deixou o jornal, porque à porta, e um pouco ofegante, apareceu o Pe. Roque preocupado com desculpas pelo atraso, antes de qualquer saudação. Bernardo levantou-se, sorriu calmamente e adiantou-se na saudação.

– Bom dia, Roque! Vens muito a tempo! – e abraçou o amigo. Depois sentaram-se.

– Como gosto de te ver, Bernardo! – disse ainda ofegante. Como está a Célia? Não te pude receber no domingo, porque tive um trabalho pastoral no Porto... Mas deixei aqui tudo preparado para a tua chegada. A D.^a Margarida tratou-te bem?

– Vamos lá responder às tuas perguntas, se não tens ainda mais algumas a fazer – ironizou Bernardo. Começo por te dizer o meu enorme prazer em te reencontrar. Já lá vai um tempinho largo sem nos vermos, não vai? Olha, a Célia vai bem, e está agora a contas com uma incipiente gravidez. Dois meses e meio! Vai depois de amanhã ao médico para ver como é que o rebento está a evoluir. No próximo sábado virá cá acima, pois diz que já tem saudades minhas. Mas que não quer incomodar para não ser culpada do meu atraso no trabalho da tese. Quanto à D.^a Margarida, recebeu-me lindamente e não sabe o que mais me há de fazer. Tenho dois colegas de pensão: um músico já de uma certa idade, a preparar, como ele diz, uma Sinfonia para o Centenário de Fátima.

– É o Dr. Júlio Tomás. Conheço-o muito bem. Creio que está quase a terminá-la, pois o concerto já está anunciado no programa das celebrações do Centenário.

– E a senhora Elizabete, amiga da D.^a Margarida. São pessoas muito simpáticas e discretas. No entanto, já tive com elas laivos de discussão sobre Fátima. Apenas uma conversa em que expressamos convicções diferentes sobre o aduzido fenómeno religioso. Mas parece que não ficamos por aí. Não quero ser indelica-

O encontro dos
dois amigos

«D.^a Margarida recebeu-me lindamente e não sabe o que mais me há de fazer».

do, mas às conversas desse género, a continuarem, vou pôr-lhes cobro, porque tenho de trabalhar. O pior é que também eu me estou a entusiasmar com elas.

– Então em que ficamos? Queres acabar com elas ou queres continuar, porque te estás a entusiasmar?

– Ficamos em que quero trabalhar e não me posso dar ao luxo de perder mais tempo com o que devia ter acabado já.

– Então, vamos trabalhar... estou aqui para te ajudar.

– Posso fazer-te uma pergunta, Roque? É melindrosa e não quero que fique beliscada, com ela, a nossa amizade... Bom! És amigo seguro para te melindrasses com a minha desconfiança. Diz-me lá: trouxeste-me a Fátima para me converteres... a Fátima?

Serenamente, o Pe. Roque olhou o amigo Bernardo e não se admirou sequer da pergunta. Sorriu-lhe e disse-lhe à laia de resposta:

A confissão de
um segredo
antigo

– Quando a mulher da minha vida me trouxe aqui a Fátima em véspera de nos casarmos e, sentados num banco corrido da Capelinha das Aparições, me apertou a mão, pensei que me convidava a rezar com ela. O local estava quase deserto, de modo que até poderíamos rezar alto sem incomodar ninguém. Não foi isso! Olhou-me com um olhar tão bonito, celestial mesmo, em que se conjugava a alegria matizada com pequenas sombras de dor e de temor e disse-me: *Roque, sinto que o meu coração, que tanto te ama, encontrou um amor maior. Tenho tentado dizer-to, mas ainda não tinha rezado o suficiente para o fazer. Aqui, diante da Mãe, peço forças e coragem para te dizer que vou para um Convento de clausura. Há bastante tempo que o meu espírito se autoalimenta com este desejo que nasceu precisamente aqui. Não me perguntes como, porque não saberia dizer-te.* De início pensei que fosse uma veleidade, um desejo passageiro. Namoro o homem de quem gosto e com ele quero casar, porque sei que também me ama. Só que este chamamento interior não diminuiu, mas aumentou de dia para dia. Tinha que to comunicar precisamente no lugar exato onde ele nasceu. Não te troco por um outro homem, mas por Jesus e n'Ele ter-te-ei a ti sempre comigo e continuarei a amar-te. Ajuda-me a conseguir a minha felicidade... Calou-se. Poucas palavras, demasiado levianas e eu fiquei como alguém que vê desmoronar-se o seu mundo interior e fica esmagado debaixo dele. Não podia ser! Era uma brincadeira de mau gosto e logo ali naquele lugar! Emudeci também. Que poderia dizer eu? Paradoxalmente, comecei, aos poucos, a sentir uma apatia muito grande a par de uma dor muito profunda, mas assumida! O silêncio mútuo foi para mim o substituto da oração. Senti que forças muito fortes me estavam a sacudir e, ao mesmo tempo, a pacificar. Fomos para Lisboa já tarde e, no caminho, queria ter a oportunidade de a interpelar agressivamente, mas só o silêncio e o marejar de lágrimas nos meus olhos marcou um especial diálogo entre nós durante a viagem. Era evidente que também ela sofria interiormente. Tive instantes de compreensão e de admiração por ela. Mas eram tão pequenos que se perdiam no sofrimento e na raiva que me invadia o espírito. Durante muito tempo senti por Fátima uma repulsa instintiva e jurei jamais lá voltar. O tempo foi passando, diluindo muita coisa má que existia no meu interior. E já a Irmã Maria das Dores tinha professado no seu Convento da Anunciação, quando me resolvi a visitá-la. A ferida continuava aberta, mas queria curá-la, não na cobardia da revolta, mas enfrentando o que tinha sido para a Rita o inevitável. Recebeu-me com uma serenidade que eu não pensei existir dentro dos muros de um Convento de clausura. Era um misto de alegria e de harmonia interior de quem sabe estar no lugar certo da vida. Falámos e depois quis saber de mim mais em pormenor. Perguntou-me se existia alguém na minha vida. Tinha rezado muito pela minha felicidade, pois eu tinha direito a isso, disse-me compreensiva. Respondi-lhe simplesmente que não, mas que estava a serenar lentamente. Passou as mãos pelas grades de ferro da minúscula sala de visitas e tomou as minhas. Vi-lhe o rosto a iluminar-se e perguntou-me se tinha vindo a Fátima desde a última vez que estivemos juntos. Passaram-me mil respostas disparatadas pela cabeça, mas calei-me. Era melhor! Fátima só tinha a ver co-

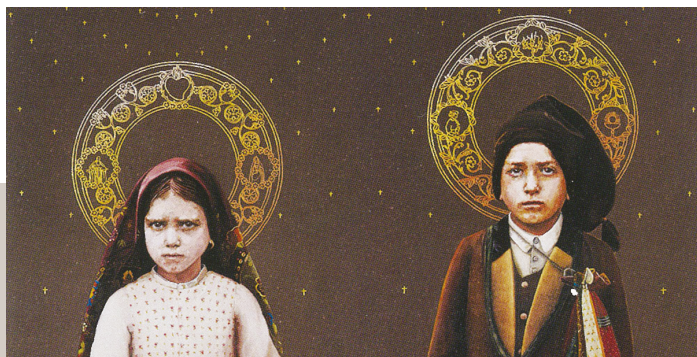
migo pela ferida que ainda estava aberta. *Vou pedir-te um último favor. Faz-mo, Roque, pelo amor que te tenho em Jesus e pelo amor que sei que ainda me tens. Vai a Fátima e senta-te no mesmo banco corrido da Capelinha das Aparições, onde estivemos da última vez. Não tenhas medo. Olha para Nossa Senhora e revolta-te com Ela, se fores capaz.* Calou-se. Sorriu-me e retirou as mãos das minhas. Apeteceu-me dizer-lhe que não faria nada disso, mas não fui capaz. Fiz o que ela me pediu num dia em que chovia muito. Não me apetecia sair dali, não sei se era para não apanhar chuva ou por outra coisa. Rememorei aquela tarde em que tinha estado com ela ali. Verifiquei que não era a chuva o que ali me detinha. Voltei a Lisboa também ao fim da tarde e esperei pelo dia seguinte para bater à porta do Convento da Luz para falar com um amigo Franciscano que conhecia. O resto já tu o conheces. Sou hoje um homem muito feliz e um sacerdote realizado. Relembro-te que quando tomei essa decisão me perguntaste admirado o porquê do que estava a fazer. Recordas a resposta que te dei?

– Que um dia iria sabê-la em pormenor. Respeitei o laconismo da resposta e não deixei de ser teu amigo por não me relatares, então, o “vosso” segredo.

– A minha resposta à pergunta que há pouco me fizeste está no que agora te confiei. Sou teu amigo, Bernardo, e apenas quero ajudar-te na tese do teu doutoramento. Não há segundas intenções. Fátima não se impinge a ninguém. Fátima aceita-se ou rejeita-se. O que opera no coração das pessoas deve-se exclusivamente ao facto de Fátima ser interpelação. Ofereci-te este lugar para trabalhares e eu te poder ajudar. Isso é o que desejo. Quanto ao resto, meu caro Bernardo, transcende-me.

O café já estava frio e mandaram vir outro, enquanto marcavam trabalho em conjunto, pois seria desta vez, asseverava o Pe. Roque, que o Bernardo iria acabar a sua tese de doutoramento. •

Não era a chuva o que ali me detinha...



10-12 JUL.

Curso de Verão do Santuário de Fátima
Centro Pastoral de Paulo VI, sala de João Paulo II

15 JUL.

Westminster Boys' Choir

15:30 - 16:30

Basilica de Nossa Senhora
do Rosário

15 JUL.

Um dia com as crianças

Programa celebrativo especial

10:00 - 15:30

15 AGO.

Rainha dos Céus, Alegrai-vos
Ciclo de Música Sacra

Coro Regina Coeli

com direção de Pedro Miguel

15:30 - 16:30

Basilica de Nossa Senhora
do Rosário